LINGUÍSTICA APLICADA, HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA: O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR E A TRANSFORMAÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS E AGENDAS DE PESQUISA

Glenda Cristina Valim de Melo[1]
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

Lina Rosa Berrio Palomo[2]
Centro de investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social CIESAS-Pacífico Sur, Oaxaca, México

Samuel Silva Rodrigues de Oliveira[3]
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET-RJ), Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais (PPRER/CEFET-RJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

[1] Professora Permanente do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada, na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e do Departamento de Letras anglo-germânicas na mesma instituição. É bolsista produtividade do CNPq. Coordena o grupo de pesquisa Performatividades, Raça e Interseccionalidades (PRINT/CNPq). É vice-coordenadora do INCT/CNPq "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina". Email: glendamelo@letras.ufrj.br. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1878-5710.

[2] Professora investigadora en la línea de especialización en antropología médica. Coordinadora del posgrado en Antropología Social del CIESAS Pacifico Sur. Pertenece al Sistema Nacional de Investigadores nivel 2. Analiza salud sexual y reproductiva de, pueblos indígenas y afrodescendientes, saberes propios en salud y antirracismo en México. NCT/CNPq "Educação transformadora: antirracismo, interseccionalidade e justiça social na América Latina". E-mail: linaberrio@gmail.com. ORCID https://orcid.org/0000-0003-3787-7028

[3] Professor e Pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais (PPRER/CEFET-RJ) e do Programa de Pós-Graduação em Memória Social (PPGMS/Unirio), Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-C) e Jovem Cientista do Nosso Estado FAPERJ, analisa os movimentos sociais e as relações intersecionais de classe e raça nas cidades brasileiras. Email: samu_oliveira@yahoo.com.br. ORCID. https://orcid.org/0000-0002-3771-9057.

Resumo: O diálogo entre Glenda Cristina Vallim de Melo, Lina Rosa Berrio Palomo e Samuel Silva Rodrigues de Oliveira aborda como o movimento negro educador constitui-se num conceito, a partir dos trabalhos de Nilma Lino Gomes e do livro *O Movimento Negro Educador* (2017), e também uma categoria política com vários desdobramentos. Num primeiro momento, cada pesquisador aborda como tiveram contato com a categoria e a maneira como pode-se discutir desdobramentos epistêmicos nas disciplinas da Linguística Aplicada, História e Antropologia. Assim, produzem uma análise dos campos disciplinares e das próprias agendas de investigação. Posteriormente, orientam uma discussão sobre como as questões contemporâneas da descolonização, do racismo e antirracismo e crise das democracias com a ascensão do conservadorismo e da extrema direita são afetadas pelo movimento negro educador. São várias as linguagens que produzem formas de educar a sociedade e os sujeitos para a emancipação social.

Palavras-Chave: Movimento Negro Educador; Racismo e antirracismo; Linguística Aplicada; História e historiografia; Antropologia.

APPLIED LINGUISTICS, HISTORY AND ANTHROPOLOGY: THE BLACK EDUCATION MOVEMENT AND THE TRANSFORMATION OF EPISTEMOLOGIES AND RESEARCH AGENDAS

Abstract: The dialogue between Glenda Cristina Valim de Melo, Lina Rosa Berrio Palomo, and Samuel Silva Rodrigues de Oliveira addresses how the black educator movement constitutes a concept, based on the works of Nilma Lino Gomes and the seminal book O Movimento Negro Educador (The Black Educator Movement (2017), as well as a political category with various ramifications. At first, each researcher addresses how they came into contact with the category and how epistemic ramifications can be discussed in the disciplines of Applied Linguistics, History and Anthropology. Thus, they produce an analysis of the disciplinary fields and their own research agendas. Subsequently, they guide a discussion on how contemporary issues of decolonisation, racism and anti-racism, and the crisis of democracies with the rise of conservatism and the far right are affected by the black educator movement. There are several languages that produce ways of educating society and individuals for social emancipation.

Keywords: Black Educator Movement; Racism and anti-racism; Applied Linguistics; History and historiography; Anthropology.

LINGÜÍSTICA APLICADA, HISTORIA Y ANTROPOLOGÍA: EL MOVIMIENTO NEGRO EDUCADOR Y LA TRANSFORMACIÓN DE LAS EPISTEMOLOGÍAS Y AGENDAS DE INVESTIGACIÓN

Resumen: El diálogo entre Glenda Cristina Vallim de Melo, Lina Rosa Berrio Palomo y Samuel Silva Rodrigues de Oliveira aborda como el movimiento negro educador se constituye en un concepto académico central, y también en una categoría política con varios desarrollos; a partir de los trabajos de Nilma Lino Gomes y el libro seminal "El Movimiento Negro Educador" (2017). En este primer momento, cada investigador aborda como tuvieron contacto con esta categoría y como ella permite discutir los desarrollos epistémicos en las disciplinas de la lingüística aplicada, la historia y la antropología. Se realiza así un análisis de los campos disciplinarios y de las propias agendas de investigación. Posteriormente se aborda una discusión sobre cómo las cuestiones contemporáneas de la descolonización, el racismo, el antirracismo y la crisis de las democracias con el ascenso del conservadorismo y la extrema derecha, son interpeladas por el movimiento negro educador. Son varios los lenguajes que producen formas de educar la sociedad y los sujetos, para la emancipación social.

Palabras-clave: Movimiento Negro Educador; Racismo y antirracismo; Lingüística Aplicada; Historia e historiografía; Antropología.

LINGUISTIQUE APPLIQUÉE, HISTOIRE ET ANTHROPOLOGIE: LE MOUVEMENT NOIR ÉDUCATIF ET LA TRANSFORMATION DES ÉPISTÉMOLOGIES ET DES PROGRAMMES DE RECHERCHE

Résumé: Le dialogue entre Glenda Cristina Vallim de Melo, Lina Rosa Berrio Palomo et Samuel Silva Rodrigues de Oliveira aborde la manière dont le mouvement noir éducateur se constitue en concept, à partir des travaux de Nilma Lino Gomes et du livre fondateur O Movimento Negro Educador (2017), mais aussi en catégorie politique aux multiples ramifications. Dans un premier temps, chaque chercheur aborde la manière dont il est entré en contact avec cette catégorie et la façon dont on peut discuter des ramifications épistémiques dans les disciplines de la linguistique appliquée, de l'histoire et de l'anthropologie. Ils produisent ainsi une analyse des domaines disciplinaires et de leurs propres programmes de recherche. Ils orientent ensuite la discussion sur la manière dont les questions contemporaines de la décolonisation, du racisme et de l'antiracisme, ainsi que la crise des démocraties avec la montée du conservatisme et de l'extrême droite, sont affectées par le mouvement noir

LINGUÍSTICA APLICADA, HISTÓRIA E ANTROPOLOGIA: O MOVIMENTO NEGRO EDUCADOR E A TRANSFORMAÇÃO DAS EPISTEMOLOGIAS E AGENDAS DE PESQUISA DOI: 10.31418/revistaabpn.v18i48.2295

éducateur. Il existe plusieurs langages qui produisent des formes d'éducation de la société et des individus en vue de l'émancipation sociale.

Mots-clés: Mouvement noir éducatif; Racisme et antiracisme; Linguistique appliquée; Histoire et historiographie; Anthropologie.

INTRODUÇÃO

A entrevista abaixo foi realizada como parte do projeto *Movimento Negro Educador: discursos, práticas e saberes em circulação na América Latina* (2023-2026). Aprovado pelo Conselho Nacional de Pesquisa e Desenvolvimento (CNPq) em 2023, é coordenado por Glenda Cristina Valim de Melo. Entre várias ações previstas no projeto, visando a construção de uma rede latino-americana para pensar a linguagem enquanto prática social e as relações raciais como estruturante dos debates contemporâneos na academia e na sociedade latino-americana, essa entrevista faz parte de um conjunto de seis. Todas(os) pesquisadoras(es) inseridas(os) no projeto foram divididos em grupos e instados a responder sobre o conceito de “movimento negro educador” e suas relações com as investigações que realizam.

Nessa entrevista, Glenda Melo, Samuel Oliveira e Lina Rosa falam sobre as áreas de Linguística Aplicada, História e Antropologia, na forma como o conceito elaborado por Nilma Lino Gomes, no livro *Movimento Negro Educador* (2017), permite refletir sobre suas pesquisas e as transformações do conhecimento. Trata-se de um diálogo interdisciplinar sobre epistemologia nas ciências humanas, desdobramentos analíticos interdisciplinares na linguagem e práticas sociais e a importância da descolonização dos saberes a partir das perspectivas anunciadas pela diáspora negra e afrodescendências.

As falas buscam demarcar lugares sociais e acadêmicos distintos. Glenda Melo é professora e pesquisadora no Programa Interdisciplinar de Pós-graduação em Linguística Aplicada da UFRJ. Sua especialidade é a articulação entre linguagem-discurso-em-sociedade, as questões raciais e Interseccionalidades. Sua fala traz a relação entre a Linguística Aplicada e o Movimento Negro Educador, mostrando o quão recente a temática é para o campo. Com doutorado em Estudos da Linguagem e Linguística Aplicada (LA), seu discurso aponta a necessidade de aproximação da linguagem ao conceito proposto por Nilma Lino Gomes.

Diferente do campo da linguística aplicada, Samuel Oliveira fala a partir do ponto de vista da área da História. Ele é professor e pesquisador no Programa de Pós-graduação em Relações Étnico Raciais e no Programa de Pós-Graduação em Memória Social. Sua especialidade é a história da formação do estado e da cidadania no século XX, o movimento negro e a cultura popular nos espaços urbanos. Sua fala posiciona como o debate sobre como o pós-abolição interfere na conformação da construção do Estado nacional, das identidades e experiências negras, dando evidência para a temática das favelas e periferias. Com doutorado em História Política e Bens Culturais pelo CPDOC-FGV, seu discurso mostra como o Movimento Negro Educador relaciona-se com a historiografia e a memória social.

Lina Rosa é professora-pesquisadora no Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social (CIESAS), no México, e atualmente é coordenadora do mestrado em Antropologia Social da Unidade Pacifico Sur. É antropóloga especialista em saúde da população indígena e afromexicana, particularmente saúde reprodutiva. Com doutorado em antropologia social, seu

discurso aponta as intersecções entre saúde, gênero e racismo, assim como a invisibilidades estatística da população afrodescendente no México e o papel do Estado na construção de políticas públicas. Sua pesquisa com parteiras indígenas e negras toca de maneira cercana a memória social sobre estas curadoras.

A entrevista, feita de forma on-line em 04 de junho de 2025, busca sinalizar para a interdisciplinaridade instituinte dos debates do movimento negro educador na América Latina. O material que você lê aqui foi editado e transcrito pelas autoras e pelo autor, com revisões ortográficas, indicações e referências que ajudam a compreender o diálogo e dão suporte à oralidade.

ENTREVISTA

GLENDA CRISTINA VALIM DE MELO (GCVM): Como você conecta o movimento negro educador na perspectiva trazida por Nilma Lino Gomes ao seu campo de pesquisa?

SAMUEL OLIVEIRA (SO): Conheci essa categoria do movimento negro educador em 2018, no lançamento e primeira edição do livro. Nilma Lino Gomes esteve no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais para fazer uma fala de início de semestre e apresentar o livro O Movimento Negro Educador (2017). Ela tinha feito o pós-doutorado em Portugal, então, o livro surgiu desse trabalho e das investigações que ela vinha traçando, discutindo a relação entre educação e movimento negro. Quando tive contato com o livro da Nilma, foi uma surpresa. Eu li rapidamente e os meus alunos dentro do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais liam ele

vorazmente. Começaram a surgir inúmeras pesquisas dentro dessa discussão, do enfoque que a Nilma trazia sobre o movimento negro educador. Eu lembro que um dos trabalhos que me impressionou foi o de Rachel Nascimento[4], orientado pelo Roberto Borges[5], que abordava o teatro negro do oprimido e o movimento negro educador. A partir dali, era possível ver as várias entradas e as discussões em áreas distintas.

Entendo que a categoria movimento negro educador promove uma certa virada analítica. Por isso que a categoria é tão forte e absorvida em várias áreas. Ela é capaz de colocar em evidência a forma como o movimento social negro forma epistemologias e maneiras de agir que promovem transformações sociais e educam a sociedade e os sujeitos. Nos debates sobre intelectuais negros nos estudos culturais[6], existe uma percepção de que a cultura política negra produziu na diáspora uma luta política pela ampliação da cidadania e também produziu uma epistemologia própria dentro das ciências humanas. A Nilma faz uma inflexão nessa discussão, porque não é só uma epistemologia própria, mas é uma perspectiva pedagógica, saberes que educam a própria comunidade negra, educam a sociedade e, assim, promovem transformações de larga escala. Essa inflexão proposta no trabalho de Nilma é super importante para a difusão desse conceito, porque ele permite conceber uma perspectiva diferente: evidencia que é uma epistemologia emergente que promove saberes emergentes e uma pedagogia emancipadora.

[4] Rachel Nascimento da Rocha é mestre em Relações Étnico-Raciais pelo CEFET-RJ, defendendo a dissertação A cor das oprimidas: coletivo feminista Madalena Anastácia como Movimento Feminista Negro Educador (2019).

[5] Roberto Carlos da Silva Borges é professor titular do curso de Línguas Estrangeiras Aplicadas às Relações Internacionais do CEFET-RJ e fundador do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico-Raciais (PPRER/CEFET-RJ). Ver especificamente o texto publicado por ele na Educação em Revista, "O Movimento Negro Educador" (2018).

[6] Para uma discussão sobre intelectuais negros e epistemologias ver HALL (2002), GILROY (2002), MACEDO (2016), COLLINS (2019), SANTANA (2020).

Dentro do meu campo de pesquisa, isso tem vários significados. Eu sou historiador e minha área de especialidade é história contemporânea do Brasil. Nesse projeto do CNPq, a gente tem o prazer de falar com vários grupos diferentes, de áreas diferentes, algo interdisciplinar. Isso é a coisa mais legal no projeto em que estamos inseridos.

Eu não sei como é para a Lina, no México. Aqui no Brasil, nas duas últimas décadas, houve uma mudança na política pública e na educação. A partir de 2001 e 2002, o país saiu do discurso da democracia racial que negava o racismo na sociedade, e isso será pautado pela crítica feita pelo movimento negro; o Estado assume que existe racismo no Brasil. Então, surgem as políticas de ações afirmativas, que vão sendo implementadas nos governos petistas. Isso promove uma reforma da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, a partir da Lei 10.639, que reconfigura o campo das disciplinas, que faz com que áreas como a História e outras em geral não olhem só a conexão com a Europa, mas que voltem a olhar a conexão com a África e com a diáspora. Tudo isso impacta o debate público. Isso é muito forte, vem por uma mobilização social e por uma legislação, promovendo uma inflexão no campo inteiro. Depois, há as políticas de cotas que promovem a entrada de estudantes negros(as) e de baixa renda no sistema educacional e universitário. As universidades brasileiras são marcadas pela branquitude e quando se amplia a entrada de pessoas negras nas universidades promove-se uma transformação nos debates e na discussão da questão racial em vários campos diferentes.

Na História, além dessa questão da conexão com o continente africano e a diáspora negra, existe um debate que é fundamental sobre como a história da formação da sociedade é impactada pelo debate racial. Apresento, então,

três questões emblemáticas que surgem dentro de minha área e que são promovidas por essa entrada de estudantes negros(as) nas universidades e pelas políticas de ações afirmativas que afetam o sistema educacional como um todo e a ação de pesquisa e docência de professores(as). A gente não mudou completamente esse quadro de maioria branca nas universidades, mas ela se transforma de alguma forma, algumas questões se alteram. Fruto do movimento negro educador.

A primeira questão da historiografia é que a discussão que raça atravessa todo o discurso sobre classe, nação, gênero, a modernidade, a formação dos estados nacionais e a construção da cidadania. Então, isso é uma primeira coisa que afeta de diferentes maneiras as várias áreas da disciplina. A segunda é que a gente passa a ter uma história e uma historiografia pensada a partir da complexidade das comunidades negras e das experiências negras, marcadas pela exclusão e também mobilidade social ascendente. Essas comunidades negras se articulam em diferentes territórios. Então, há uma heterogeneidade dessa experiência negra que passa a impactar a historiografia. Por fim, a última questão, que eu acho que é fantástico do ponto de vista de quem olha a história contemporânea: a história do século XX era contada como se a Abolição tivesse posto um ponto final na questão do racismo e da história negra no Brasil, e isso era, de maneira racista, reduzir a experiência negra a situação da escravidão. Agora, se tem uma discussão sobre o pós-abolição, e os vários processos para conquista da liberdade. O que vem depois da Abolição? E isso faz a gente ter uma percepção mais nítida sobre o peso da formação escravista do nosso país em várias experiências sociais ao longo do colonialismo, dos movimentos imperialistas, mas também

na formação do Estado[7]. Essa virada que ocorre nas últimas décadas é completamente ligada a essas políticas do movimento negro educador.

GCVM: Samuel, eu fiquei pensando, enquanto você estava falando: como isso ocorre no campo dos estudos linguísticos e dos estudos linguísticos aplicados[8]? Ao pensar no movimento negro educador, vejo que ele educa o campo dos estudos linguísticos, mas que os estudos linguísticos não têm a percepção que é educado por esse movimento.

Isso acontece quando pesquisadores(as) começam a trazer a temática racial para dentro da área lá no final dos anos 1980, começo dos anos 1990[9]. E mais recentemente, quando outros conceitos de linguagem que a compreendem, minimamente, como prática social, ou seja, não a veem apartada da sociedade e nem separada da questão racial. Esse movimento da educação na perspectiva de transformação, que a Nilma nos mostra, educa linguistas aplicados(as) a perceberem que linguagem e raça não estão separadas. Se a gente for pensar, isso vem sendo mais debatido ali dos anos 1996 para cá, e agora tem encontrado no campo uma maior presença de pesquisadores(as) procurando por autores negros e autoras negras, procurando teorias linguísticas que foram trabalhadas e discutidas por pesquisadores e pesquisadores negros[10].

[7] Sobre o debate do pós-abolição na historiografia do Brasil e da América Latina cf. MATTOS (2013); RIOS e MATTOS (2004, 2005); ANDREWS (1998, 2020); DOMINGUES (2002, 2018); NASCIMENTO (2015); GOMES e CUNHA (2007).

[8] A Linguística Aplicada é um campo do saber multi/inter/transdisciplinar que estuda a linguagem-em-sociedade.

[9] Marilda Cavalcanti traz para os estudos da LA as questões indígenas. Luiz Paulo da Moita Lopes, por sua vez, aborda a questão negra ao final dos anos 1990. Aparecida de Jesus Ferreira investiga a temática em sua tese de doutorado no início dos anos 2000.

[10] Na LA, pesquisadoras como Aparecida de Jesus Ferreira, Ione Jovino, Ana Lúcia Silva Souza, Kassandra Muniz, dentre outras trazem raça para o debate das questões étnico-raciais.

As políticas de ações afirmativas, a política de cotas dentro da universidade, têm promovido um debate sobre a relação entre conceito de linguagem e exclusão de debates sociais, aspectos tão relevantes e importantes como trazidos pelo movimento negro educador. Estudantes têm contestado esta exclusão e nos levado a reflexão que autores negros e autoras negras temos utilizado para debater discurso, linguagem, para tratar da questão racial. Então, nesse movimento das políticas de ações afirmativas na universidade, a gente contribui para isso. Penso ser o movimento educador nos ensinando, nos provocando, colocando em choque toda uma epistemologia eurocêntrica, americana ou anglo-saxã. Coloca em choque com o que é produzido, por exemplo, na América Latina, que é produzido na África, ou por pesquisadoras e pesquisadores negros e negras aqui do Brasil também.

Isso também envolve os próprios e as próprias pesquisadores e pesquisadoras brancos(as) do campo da LA que estão tentando entender o que está acontecendo, refletindo sobre a questão racial, mas talvez não refletindo tanto sobre esse epistemicídio negro que há dentro do campo. Isso eu acho que ainda está sendo provocado pelo próprio movimento negro educador, ele quem propõe essas reflexões.

Deparei-me com o conceito de “movimento negro educador” numa palestra que eu assisti da Nilma que ela falava do movimento negro, e depois eu fui ver o livro. É isso que ela nos diz: o movimento negro educador forma a sociedade, ele forma a academia, ele nos forma. Esse movimento faz com que a academia e a ciência eurocêntrica sejam questionadas para provocar outra possibilidade de produção de conhecimento. E você, Lina, como é no México?

LINA ROSA BERRIO PALOMO (LRBP): É bem fascinante ouvir vocês e pensar como efetivamente, nossa relação com o movimento negro educador e

as suas contribuições está totalmente situada, desde o lugar em que nos encontramos, como Samuel dizia. No meu caso, encontrei-me com os trabalhos de Nilma em especialização, em estudos afro-latino-americanos e caribenhos, na Clacso, onde o trabalho de Nilma se articulava com muitas outras reflexões e questionamentos, desde os afrofeminismos e o feminismo negro, para a produção de conhecimento.

E o que acho que foi muito interessante, porque, evidentemente, o movimento negro é uma categoria que faz total sentido no Brasil, na Colômbia, em outros países onde se construiu como uma categoria identitária de afirmação política muito importante. É um pouco diferente no caso de México, justamente pela própria configuração racial do país.

Então, eu gostaria de colocar os aportes do movimento negro educador em, no mínimo, três áreas. A primeira é epistêmica porque obriga a refletir sobre a produção de conhecimento em geral e como isso foi construído em cada uma de nossas disciplinas a partir da invisibilização de uma quantidade enorme de saberes, de pensadores, pensadoras, pesquisadores negros, ou seja, de um colocar em xeque as hierarquias intelectuais e colocar também a necessidade de pensar algo que para mim é fundamental e que trabalhamos muito com várias companheiras nessa recuperação, por exemplo, das genealogias das antropologias feministas na América Latina e no Caribe . Então, qual foi o cânone que aprendemos quando aprendemos antropologia e como nesse cânone há uma ausência de antropólogos e antropólogas negras em geral. Ou, quando nos referimos, incluímos principalmente os autores dos Estados Unidos e, mais recentemente, alguns do Brasil. Então, há uma necessidade de repensar a constituição da própria disciplina em função destes

ocultamentos, destes apagamentos que estão claramente marcados por uma dimensão do racismo epistêmico.

Acho que a segunda é colocar o aporte de tipo histórico, de situar também qual foi o papel do movimento negro nos processos de democratização, particularmente no Brasil, mas que eu acho que aí faz espelho com nossas próprias realidades, de colocar, a ver, então, qual é esse lugar em que nas transformações, nas mudanças sociais, mas também na possibilidade de trazer ao movimento social o que significa esta perspectiva racial, não como algo distante, mas como algo que está completamente articulado às lutas pela transformação da sociedade, ou, no caso, pela democratização ou pela emancipação. Não podemos falar disso sem considerar justamente essas dimensões raciais.

Então, acho que ali também há um terceiro aporte que é muito importante e que, desde a antropologia, se articula justamente com toda uma série de discussões históricas e de questionamentos à construção da própria disciplina, que de fato, é uma disciplina que surge no marco da lógica colonial. Essa é sua constituição de início. E, então, nesse sentido, acho que nos ajuda a pensar de outros lugares ou a questionar essa lógica, e que particularmente tem me ajudado em meu próprio trabalho no campo da saúde.

GCVM: Como o movimento negro educador conecta-se com sua pesquisa atual?

LRBP: Eu me dedico a trabalhar temas de saúde, saúde sexual e reprodutiva, com mulheres indígenas e com mulheres afromexicanas, e parte de toda a aposta que hoje chamaríamos de justiça epistêmica considerando uma quantidade enorme de curadores e curadoras tradicionais que não estão na lógica ocidental, que neste caso seria a lógica biomédica, que homogeneíza,

que regula, que define qual é o tratamento que se considera válido e qual não. E nesse sentido, muitos desses conhecimentos de parteiros, de curadores e das próprias pessoas é apagado o u invisibilizado. Sabemos que, na realidade, a primeira forma de atenção à saúde é a auto atenção. São os saberes que as pessoas têm antes de ir com um curador especializado, mas nessa hierarquia de conhecimento e de valorização do saber biomédico sobre outros, esse saber popular em saúde não é reconhecido como tal.

Então, para mim, foi muito rico poder encontrar outros teóricos e políticos além da antropologia médica, para sustentar justamente a importância deste este lugar de fala distinto, este lugar de enunciação, estes saberes que de fato estão ali no que a gente faz, e que tem a ver com a vida mesma. E, por outro lado, porque ajuda, também nessa perspectiva, a questionar um modelo biomédico que além do seu caráter eurocêntrico e androcêntrico, se pensa muito branco, em termos estruturais.

Isso implica quase desconhecem muitos desses saberes indígenas, desses saberes negros, afros, que sustentaram a vida. Então, acho que por aí vão essas conexões e isso tão potente que toda a proposta do movimento negro educador, faz pensar a educação além da aula. A educação como uma aposta cotidiana, como aquilo que estamos fazendo todos os dias e que excede o espaço escolar institucional como normalmente imaginamos.

SO: Tenho duas agendas de pesquisa que foram também afetadas pelas questões do movimento negro educador. Uma primeira, que me acompanha a muito tempo, é pensar a informalidade urbana e os espaços de pobreza e opressão dentro das cidades. No Brasil, classe e raça se interseccionam para falar desse lugar, desse lugar de opressão. Então, tem um campo da história, sociologia e antropologia urbana que se abre para discutir

isso. Como esses espaços se formam e são diferentes, como existem políticas de controle social que cruzam estereotipias de classe e raça dentro desses lugares? Essa interseccionalidade promove exclusões sociais, e impactam a forma como os sujeitos produzem esses espaços. Deve-se pensar que esses espaços informais e populares são muito diversos, são favelas, periferias, subúrbios, etc. em diferentes localidades. É uma heterogeneidade e uma diversidade muito grande. Como eles operam essas categorias de classe e raça a partir da sua agência, das suas redes de solidariedade, a partir da sua atuação dentro do espaço público?

Na agenda de pesquisa dos estudos urbanos no Brasil, normalmente, falava-se muito de classe, mas não se discutia a opressão racial. E aqui eu vejo que tem uma transformação muito grande que o movimento educador promove. Hoje é praticamente impossível você não falar dessas duas categorias juntas, classe e raça[11].

A outra questão é o debate sobre movimentos sociais no Brasil, como se constrói linguagens políticas a partir de protestos, e também como as visualidades que são produzidas a partir dessas mobilizações. Essas duas coisas também caminham com minha agenda de pesquisa. E eu vejo que teve uma expansão muito grande da discussão sobre o movimento negro, como ele construiu a cidadania do século XX. Isso era uma coisa completamente invisibilizada. Parecia que não existiam experiências negras que moldavam as concepções de cidadania e de políticas públicas. Hoje, seria impossível pensa

[11] Sobre o debate de classe e raça para pensar sobre os espaços urbanos das favelas foram publicados os seguintes textos: OLIVEIRA, 2021 a, 2021 b, 2022, 2023, 2024.

a cidadania e democracia no Brasil sem pensar a linguagem política e as visualidades produzidas pelo movimento negro[12].

E essas duas agendas de pesquisa se conectam com o meu fazer como professor, né? Eu sou um professor, eu produzo material didático, eu formo professores em diferentes redes que eu milito e atuo, e pensar o debate das experiências negras e do racismo como problematizando essas questões se tornou uma coisa muito importante nas minhas práticas também como professor. Então, essas agendas de pesquisa e de docência se cruzam, com essa discussão sobre o movimento negro educador. E você, Glenda, como é que você vê a sua agenda de pesquisa com relação a esse debate?

GCVM: Sou da Linguística Aplicada, então, o primeiro ponto é nunca separar a linguagem da questão racial e interseccionalidade. Isso é muito importante. Outro ponto é perceber que esse movimento negro educador se manifesta, se constrói na e pela linguagem, além disso, ele faz coisas na linguagem também. É dessa maneira que o movimento se conecta com o meu trabalho de estudo dos discursos que circulam nas mídias sociais sobre raça, gênero, sexualidade, em diversos aspectos, mas pensando muito no efeito que esses discursos têm nas práticas sociais. Essa é uma frente que me encanta, pois acho que na linguagem, a gente tem a possibilidade de agência, não apartada e não separada da história e do social. Na linguagem, há a possibilidade de se construir outras narrativas e circular ainda mais essa perspectiva do movimento negro educador, de que ele emancipa, constrói, dá esperança, mas que ele ainda contesta e questiona a sociedade.

[12] Essa pesquisa foi desenvolvida de maneira conjunta no Programa de Pós-Graduação em Relações Étnico Raciais e resultou em vários textos que tematizam o movimento negro e os diferentes projetos de cidadania encampadas ao longo do século XX e XXI. cf. OLIVEIRA, BORGES (2023); OLIVEIRA, WICKER, PEREIRA (2023); MELO, OLIVEIRA (2021); SANTIAGO, OLIVEIRA, (2022).

Eu vejo isso no meu trabalho, nessa perspectiva de analisar os discursos ou as performances que circulam nas mídias sociais relacionadas com raça que se interseccionaliza com outros marcadores. Por exemplo, em que analiso os discursos sobre violência obstétrica. As mulheres negras trazem nos grupos on-line diversos como na linguagem elas apontam para todo o racismo que elas sofrem ali num momento de muita fragilidade. Na linguagem e no corpo, elas resistem para proteger os seus filhos durante um momento muito delicado.

Em relação ao trabalho, um norte para mim é que as perspectivas teóricas que eu trabalho precisam estar articuladas com a minha prática como docente. Nesse momento, penso que ao formar professores(as) que vão ensinar línguas, eles(as) não estão ensinando só línguas, só linguagens, estes(as) profissionais estão ensinando as pessoas a darem existência a, a contestar, a fazer ações na linguagem, no discurso e nas práticas sociais. Talvez, eu seja um pouco utópica, mas acho que há efeitos muito grandes. Não é apenas ensinar o verbo "*to be*", é ensinar a pessoa a dar existência a algo que esse verbo traz.

Não é só pensar em como se apresentar, é muito mais que isso, a linguagem possibilita resistência. Há uma relação de poder que vem com ela, ou seja, quem é autorizado a falar - quem é que é autorizado a ensinar, por exemplo, a língua inglesa, e quem é autorizado a ensinar a língua portuguesa ou espanhol - e tudo isso tem um grande efeito no mundo social. Neste trabalho da formação de professores, o(a) professor(a) tem o poder do discurso na mão, por isto, ele(a) deve pensar bem no que faz em linguagem e como coloca em circulação uma série de conhecimentos que são importantes para os(as) estudantes. Eu tenho visto dessa maneira.

GCMV: Como o movimento negro educador se liga aos contextos contemporâneos?

LRBP: O movimento negro educador faz parte do movimento negro, do movimento afro e de toda uma produção política e epistêmica que se expressa com múltiplos nomes e de múltiplas maneiras, mas que está com esse marco no qual nos inscrevemos é extremamente vigente, potente e necessário para os contextos contemporâneos, em vários sentidos.

Estamos assistindo, com mais ou menos força, a uma série de transformações importantes dentro do sistema educativo em nossos países. Eu acho que já faz muitos anos que se vêm impulsando mudanças, agendas, estratégias, conteúdos diferentes em diversos níveis educativos, para pensarmos de uma maneira que reconheça justamente a questão racial, e não somente como um problema, mas também em termos de quais foram os nossos aportes, os aportes do de toda a diáspora e os aportes de pensadores e pensadoras negras. Acho que aí há uma coisa que é muito vigente, muito necessária e muito contemporânea. Aí está a chave.

Um segundo campo que eu considero central tem a ver com os temas de investigação e a maneira como nós enfrentamos esses temas de investigação. E aí, de novo, desde dois lugares. Um: como reconhecemos esse lugar de enunciação situado, isso questiona de fato a ideia da objetividade na qual muitos e muitas de nós fomos formados, porque era o paradigma da verdadeira ciência, tomar distância, ser objetivo; para passar a uma forma de produzir conhecimento que, por si, está situado e com uma intencionalidade acadêmica e política, e isso me parece que também é central assim como os. temas de pesquisa de maneira que essas interseções, estão colocadas no centro da análise das relações de poder, de como é que operam em cada

contexto específico, como é que operam no campo da linguagem, como operam no campo da saúde, quais são as especificidades e como isso toca também essas configurações raciais e de poder, de classe, de gênero. Acho que ali há uma potência em ajudar a desvendar ou a compreender de uma maneira mais rica essas relações sociais.

Um terceiro elemento que eu gostaria de trazer em relação ao porquê eu sinto que o movimento negro é contemporâneo, vital, fundamental, tem a ver com os sujeitos. Atravessando tempos onde estamos enfrentamos combates muito importantes ao redor de muitas das conquistas que temos conseguido em diferentes espaços, desde uma perspectiva mais emancipatória e que estão sendo colocadas em debate.

Então, acho que este lugar do qual o movimento negro educador se pensa e se encontra com outras posturas, me parece que também tem a ver com a defesa disso que conseguimos, e como fazemos também uma ponte para dialogar e reconhecer os conhecimentos populares, as formas diferentes de falar, que questione a ideia do discurso especializado, que às vezes se torna inacessível. Lélia sempre falava do pretuguês e da reivindicação do pretuguês como uma forma não incorreta, mas que essa foi constituída por uma história. Podemos encontrar também em cada um dos nossos países, elementos similares de poder reconhecer essas histórias locais, essas maneiras específicas.

Quero terminar com isso, com dois elementos também do próprio trabalho que estamos fazendo aqui. Reconhecemos os aportes de muitas companheiras que fazem parte do movimento afromexicano, colocá-las em um status epistêmico de produtoras de conhecimento de intelectuais afro, de intelectuais indígenas que vieram questionando e produzindo também

categorias importantes. Isso me parece que é central. E o segundo, um dos trabalhos que eu estou desenvolvendo agora com um grupo de colegas com quem pesquisamos sobre antropologias feministas no México, Centro América e no Caribe, dando seguimento a trabalhos prévios (BERRIO & CASTAÑEDA, 2020) tem a ver justamente com o Caribe. E como na constituição de nossos próprios países se repete a lógica de centros e periferias e o centralismo que caracteriza a construção dos países e também a produção de conhecimento. Então, como o Caribe, no caso colombiano, por exemplo, é periferia com respeito ao centro da região andina e desde onde se constituiu a ideia de que aqui se produz conhecimento. Então, muitas dessas histórias mais locais, muitos dos aportes das afrofeministas caribeñas não estão, ou se pensam como dados anedóticos, ou se colocam no campo das artes, da poesia, mas não de produção epistêmica validada nesse sentido. Então, acho que por aí tem uma potência enorme para esse momento que atravessamos, de validar esses pequenos lugares dos quais estamos construindo.

SO: O movimento negro educador transforma as formas de produzir conhecimento dentro das universidades, reconhecendo epistemologias que não estão postas nesses referenciais eurocêntricos. Essas epistemologias vêm de lugares muito diferentes. Entendo que isso é central, isso é uma coisa que a gente tem que reter desse debate na contemporaneidade. As nossas formações disciplinares, elas produzem discursos e ortodoxias de conhecimento repetindo sempre esses mesmos autores que vêm de um norte global. O movimento negro educador, então, é uma das perspectivas que abre uma epistemologia diferente, abre possibilidades de discutir questões diferentes. Isso é importante no contexto contemporâneo, porque a vida social não é possível ser refletida nas categorias rígidas, fechadas e disciplinares que

formaram as ciências humanas, no geral. Essa diáspora negra, que é muito diversa, não é única, ela é plural, e produziu um conhecimento e categorias de análise que impactam a forma como as disciplinas das ciências humanas se constituíram.

O segundo ponto está relacionado ao recrudescimento de movimentos conservadores. O racismo está sempre sendo negado, os conservadores negam o racismo – a existência dele –, negam a pertinência da categoria raça para analisar as sociedades e negam as categorias epistêmicas que surgem dessas experiências diaspóricas diferentes. Ao promoverem essa negação, eles perpetuam uma série de opressões e de violências que a gente pode observar em países do norte global, onde a extrema-direita assume o poder – por exemplo, nos Estados Unidos, com o governo Trump –, mas no Brasil, nos governos anteriores de perfil de direita e conservador, no governo Temer (2016-2019) e Bolsonaro (2019-2022). Eles tinham claramente essa agenda de negação do racismo. Na América Latina, temos o exemplo da Argentina, no governo de Milei. Você tem várias experiências que sinalizam para isso. Num contexto em que as democracias estão em crise, o movimento negro educador coloca em questão o racismo na sociedade e as formas de emancipação para a democracia. O movimento negro educador é fundamental, porque ele coloca uma questão que é constitutiva das nações que passaram pela colonização, que é a questão do racismo.

Então, vejo que o movimento negro educador traz uma questão que é central para pensar a democracia no momento atual que ela está em crise. A última coisa que eu queria colocar, pensando esse contexto contemporâneo, é o seguinte: a gente fala de uma política de ação afirmativa às vezes muito restrita no Brasil a instituições públicas, concursos públicos e

sistema educacional e universitário. Acho que o movimento negro educador conseguiu uma expressão do debate sobre representatividade que está para além do Estado, que está sendo colocado cada vez mais em diferentes esferas, na esfera das empresas, na esfera da saúde, na esfera das mídias. Isso tem uma relevância muito grande, porque a sociedade muda como um todo. Esse debate sobre representatividade significa que a audiência é pensada em relação à questão negra, às experiências negras, e a essa diversidade, e isso transforma muita coisa na produção cultural em geral. E isso é um ponto muito importante sobre representatividade e representação da população negra na sociedade. Não sei se a Glenda concorda.

GCVM: Eu concordo com vocês. Acho que o movimento negro educador traz para o centro uma representatividade, pensando tanto no contexto brasileiro, mas também no contexto da América Latina, em que o negro, as questões negras vêm para o centro, as questões afro vêm para o centro. Esse conhecimento produzido na periferia movimenta toda uma nação e todo um país. Isso é uma coisa importante. Da representatividade que você falou nas mídias, a gente vê, hoje, nas novelas. No Brasil, estão colocando isso como um termômetro, incluindo protagonistas negras, porque eles estão percebendo que precisam dialogar com essa população de uma maneira diferente e não naqueles personagens estereotipados que a gente via no passado. Isso já não dialoga mais. Falo de posicionar as pessoas negras fazendo outras ações para além daquelas que a gente sempre viu. Outro ponto, também, que vocês mencionaram, é que a gente precisa procurar outras categorias de análise e pensar em outra forma de gerar dados, de fazer pesquisa, porque esse movimento contesta esse conhecimento eurocêntrico que é produzido.

Além disso, um ponto que, também, me deixa muito pensativa é que o movimento negro educador ensina para a pessoa branca que ela também é branca e que branco é raça. Isso é um ponto importante. Esse movimento, ainda, faz com que outras pessoas negras, que às vezes não se construíam como negras, passem a se construir como tal, passem a sentir orgulho dos seus cabelos, das suas roupas, das suas maquiagens, e do seu corpo. No passado, uma criança negra colocava uma toalha para brincar com o cabelo dela, hoje ela faz uma trança, ela sente orgulho desse cabelo trançado.

O movimento negro educador coloca em questão o que é ser antirracista. Ele está ensinando e fazendo todo um debate do que é ser antirracista, do que é o racismo, como o Samuel e a Lina colocaram, mas também do que é ser antirracista. E constrange o racista, especificamente, nesses grupos de supremacistas que querem se camuflar e dizer que não o são, o movimento os constrange e os traz à tona, coloca para todo mundo ver como o racismo opera. A gente viu em programas de televisão que circularam no Brasil, por exemplo, pessoas famosas sendo obrigadas a responder o porquê eram racistas. Algumas até curso de letramento racial fizeram. A sociedade já não é mais aquela do passado que entendia que o racismo não existia. Acho que, na verdade, não querem ver, porque acho que a gente tem um sistema da branquitude muito forte ainda, mas o movimento negro educador coloca, minimamente, na contemporaneidade as pessoas para pensarem sobre o fascismo e como lidar com ele. nas práticas sociais.

Por fim, o movimento nos faz pensar em políticas outras, em termos de estado, em termos de políticas públicas, para a inclusão de uma população que movimenta o país, que gera economia e que não está aí invisibilizada.

SO: Com que linguagens esse movimento negro educador conversa ou poderia conversar com a sociedade?

GCVM: acho que o movimento negro educador conversa com a gente, com a sociedade, em uma multiplicidade de linguagens. Seja através de um texto falado, de um texto imagético, através de vídeos, de filmes, de música, da arte. Ele conversa, profundamente, com as pessoas. Fico pensando na poesia, nos poemas, por exemplo. O quanto de obras de poetas e poetisas negras a gente têm circulado dentro de um contexto da América Latina. Antes, elas eram invisibilizadas. Muitas dessas obras tratam justamente da vivência que as pessoas negras têm. Esse conversar conosco em várias linguagens causa efeitos impactantes na vida das pessoas, na sociedade, no governo, na arte mesmo e na sociedade de um modo geral. Penso que ele fala em diferentes linguagens, em diferentes níveis de linguagem, atingindo públicos diversos. Não sei, o que vocês acham?

LRBP: Concordo completamente com o que você disse. E acho que está nos possibilitando vários diálogos. E um deles é o diálogo entre nós, nós intelectuais, pesquisadores da América Latina e do Caribe, e também com colegas de outras partes do mundo. Ou seja, pensar também em termos dessa diáspora que, também dialoga entre si e nos nutrimos mutuamente. Eu acho que isso é super importante, porque permite construir conhecimento coletivo, recuperar coisas que outros já pensaram, permite a circulação de categorias, de ideias e ajuda a legitimar certos debates, como o antirracismo por exemplo; não basta com não ser racista, mas o que significa ser antirracista.

Então, há uma circulação também dentro do espaço acadêmico que me parece que é muito potente, e há outra que tem a ver com a sociedade, além do espaço acadêmico com os movimentos sociais, com os espaços onde cada

um e cada uma de nós trabalha, que também tem suas próprias particularidades e potências. E uma delas, eu acho, é outros formatos, outros formatos de discussão, outros formatos de redes sociais, de mídia, de publicações e outros públicos. Desde a minha perspectiva, uma das coisas mais potentes é pensar nas infâncias, nas crianças, toda a criança, como há uma quantidade de produção que não tínhamos nós quando éramos crianças dessa maneira, ou seja, justamente que você possa se ver refletida em um conto que te narram, em uma poesia, etc. E o outro é isso que circula nas redes sociais. Me impressiona cada dia nas redes, nos *TikToks*, a quantidade de escritoras negras. Ou seja, há uma vitalidade muito impressionante, repositórios, redes, audiovisuais, o cinema, por exemplo. Eu acho que o tema do cinema é super importante. O poder... como colocar outras produções também artísticas, onde, efetivamente, o seu lugar não é o lugar de subordinação, não é o lugar da empregada doméstica, não é o lugar do escravizado, não é o lugar do sofrimento, mas outro lugar de força, de dignidade. Então, acho que ali também, nesse campo da produção visual, audiovisual, há muito que se está fazendo e muito mais por continuar fazendo, não é? E, igual ao da música, eu acho que há uma emergência também de bandas, grupos, do rap, do hip hop, ou seja, como outras formas de falar de racismo em claves contemporâneas, em outros linguagens que eu acho que são super ricas e que temos muito o que aprender e propiciar.

SO: Eu também penso, junto com vocês, que quando a gente fala de linguagem, estamos tratando de comunidades de destino: são diferentes grupos que conformam linguagens que são específicas e trazem questões diferentes. Há vários tipos de comunidades inseridas nessa diáspora negra que elaboram formas de politizar essa experiência negra e a questão racial de

maneira muito diferente. Na música, há um universo. A música popular em diferentes países é marcada por ritmos e presenças negras. Se olharmos a política, a performance de alguns grupos políticos específicos é muito diferente. No o feminismo negro, há personagens das periferias que mobilizam raça para falar de uma outra maneira, das favelas. Existe um debate muito rico das culturas populares, das práticas de culturas populares que são afrorreferenciadas. Então, há tambor de crioula, congada que são linguagens muito diferentes inseridas dentro dessas comunidades de destino. Então, é muito plural esse debate sobre o movimento negro e linguagens, porque cada comunidade destino produz uma expressão distinta dessa experiência e dessa noção de raça.

Particularmente, tenho ficado muito atento à discussão sobre visualidades, sobre as políticas do olhar. Entendo que esse é um campo em que recebe pouca atenção como que esse movimento negro educador produz visualidades, corporeidades muito intensas. A noção de beleza negra, por exemplo, na produção de visualidades é impressionante como que ela tem uma circularidade e uma recepção em vários lugares. São diferentes produções visuais.

Atualmente, me interesso muito por isso, por essa vinculação de linguagens políticas e visualidades. Fico vendo a quantidade de fotógrafos que partem para uma discussão sobre raça e negritude com experiências que são muito variadas. No cinema, isso que a Lina colocou, tem uma variedade de produções de cinemas negros, que são referenciados em experiência afro. Assim, é preciso observar essas visualidades negras, pois há questões relevantes nelas.

As visualidades negras têm uma centralidade no mundo atual, porque a gente consome imagens a toda hora e a todo momento. A imagem transmite uma mensagem e fala de um lugar que, às vezes, nós não capturamos com as ferramentas de análise que temos. Nossa perspectiva é muito informada pela concepção platônica, que acha que a imagem é falsa. Mas, ela não é, ela informa sobre a vida de uma maneira diferente. Desta forma, acho que as visualidades é um tipo de linguagem que também a gente deve estar explorando[13].

LRBP: Visualidades e as corporalidades. Porque a gente performa e a gente comunica com o corpo. Quando a gente ensina, a gente está comunicando. Quando a gente está falando, também. Essa dimensão corporal, eu acho que também é muito importante. Eu fiquei com esse negócio do corporal e pessoal que são indissolúveis, eles se comunicam na nossa fala, na nossa vida, no nosso atuar no mundo cotidianamente. Eu acho que isso é, agora que vocês estão falando da visualidade.

GCVM: acho que é o olhar, sempre me marcou o olhar, o quanto o olhar é importante nessa questão da visualidade do corpo. O olhar provoca em nós sentimentos e emoções. O movimento negro educador nos ensina talvez a nos olharmos enquanto pessoas negras com mais amor e sermos olhados também com mais amor, com mais afeto.

[13] Sobre o tema ver dois livros: “Olhares Negros - raça e representação” (2019) de bell hooks e o livro “Racismo e Anti-racismo no cinema e fotografia do século XX e XXI” (2026), organizado por Roberto Borges e Samuel Oliveira. Ver também OLIVEIRA e BORGES (2022); OLIVEIRA, AMARAL, BORGES (2021); VENTURA, BORGES, OLIVEIRA (2020).

CONCLUSÃO

Ao longo da entrevista, foi possível perceber como a perspectiva teórica do Movimento Negro Educador, proposta por Gomes (2017, 2022, 2025), tem ultrapassado o campo da Educação e dialogado com áreas como a Antropologia, História e Linguística Aplicada, apontando para a relevância política, epistemológica e científica desse movimento no Brasil e na América Latina.

Para além disso, aborda-se como tal Movimento coloca em circulação narrativas, linguagens, estéticas consideradas periféricas nos meios acadêmicos como centrais para a produção de conhecimento e saberes afrolatinoamericanos. Tais aspectos são vitais para a construção da democracia no continente.

REFERÊNCIAS

ANDREWS, George Reid. *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo: Edusc. 1998.

ANDREWS, George Reid. *América Afro-latina: 1800-2000*. São Carlos: Edfuscar, 2021.

ANDREWS, George Reid. *América Afro-latina: 1800-2000*. São Carlos: Edfuscar, 2021.

BARBOSA, Muryatan Santana. *Razão Africana*: breve história do pensamento africano contemporâneo. Rio de Janeiro: Todavia, 2020.

BARRITEAU, Violeta. Aportaciones del feminismo negro al pensamiento feminista: una perspectiva caribeña. *Boletín Ecos*, v. 14, p. 1-17, 2011.

BERRIO Lina; CASTAÑEDA, Martha Patricia; GOLDSMITH, Mary, RUIZ, Marisa; VALENZUELA, Monserrat; DE LA CRUZ, Laura. *Antropologías feministas en México*: epistemologías, éticas, prácticas y miradas diversas, v. 2. Bonilla Artigas Editores. 2021.

BERRIO, Lina. *Entre saberes diversos se abre paso la vida*. Reproducción y salud materna en la Costa Chica de Guerrero. CIESAS. 2024.

BERRIO, Lina; CANTÚ, Mariana; LÓPEZ-NÁJERA, Verónica (En prensa). *Mirando las antropologías feministas del Caribe*. Un proceso en construcción. Texto derivado del proyecto de investigación PAPIIT-UNAM: "Antropologías feministas en México, Centroamérica y el Caribe". México 2022-2024.

BORGES, Roberto Carlos da Silva, OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. *Racismo e Antirracismo no* cinema e fotografia do século XX e XXI. Rio de Janeiro: Pallas. 2025.

BORGES, Roberto. Movimento Negro Educador. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.34, 1-8. 2018.

BRASIL. *Lei 10.639*, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências.

BRASIL. *Lei 12.711*, de 29 de agosto de 2012. Dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e dá outras providências.

CARNEIRO, Sueli. Ennegrecer el feminismo. Más allá del decenio de los pueblos afrodescendentes. In: SEPTIEN, Rosa Campoalegre; BIDASECA, Karina. *Más Allá Del Decenio de Los Pueblos Afrodescendientes.* Clacso, p. 109-116, 2017.

COLLINS, Patrícia Hill. *Pensamento Feminista Negro*: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. São Paulo: Boitempo, 2019.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada*: negro, racismo e branqueamento em São Paulo. São Paulo: Senac, 2004.

DOMINGUES, Petrônio. *Protagonismo Negro em São Paulo*: história e historiografia. São Paulo: Sesc, 2019.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro*: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

GOMES, Flávio, CUNHA, Olívia Maria Gomes da. *Quase-cidadãos*: Histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

GOMES, Nilma Lino. Movimento Negro Educador, saberes emancipatórios e a construção de um projeto democrático. *Linguagem em Foco*, Fortaleza, v. 16, n. 4, p. 11-33, 2025.

GOMES, Nilma Lino (org.). *Saberes das lutas do movimento negro educador*. Petropólis: Vozes, 2022.

GOMES, Nilma Lino. *Movimento Negro Educador*: saberes construídos nas lutas por emancipação. Petropólis: Vozes, 2017.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista Ciências Sociais Hoje*, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

HALL, Stuart. *Da Diáspora*: identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

hooks, bell. *Olhares Negros* - raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

TRUTH, Sojourner; WELLS, Ida, COLLINS, Patricia Hill; DAVIS, Angela; STACK, Carol. *Feminismos negros*. Una antología. Ed. Traficantes de sueños, 2012.

TRUTH, Sojourner; WELLS, Ida; HILL COLLINS, Patricia; DAVIS, Angela; STACK, Carol; CARBY, Hazel; Pratibha Parmar, IFEKWUNIGWE, Jayne; ANG-LYGATE, Magdalene. *Feminismos negros*. Una antología. Madri: Traficantes de sueños, 2012.

MACEDO, José Rivair (org.). *O Pensamento Africano no Século XX*. São Paulo: Outras expressões, 2016.

MATTOS, Hebe, RIOS, Ana Lugão. *Memórias do cativeiro* - identidade e cidadania na pós-abolição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

MATTOS, Hebe, RIOS, Ana Maria. O pós-abolição como problema histórico: balanços e perspectivas. *Topoi*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 8, 2004.

MATTOS, Hebe. *Das Cores do Silêncio*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

MELO, Diogo Jorge de; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Lygia Santos: a trajetória de uma intelectual negra no Rio de Janeiro (1934-1980). *Estudos Ibero-Abericanos*, São Paulo, v. 47, p. 1-16. 2021.

MELO, Glenda Cristina Valim de. Roda de conversa entre mulheres negras: performatividade de raça, gênero e sexualidade. In: Glenda Cristina Valim de Melo; Danié Marcelo Jesus. (Org.). *Linguística Aplicada, Raça e Interseccionalidade na Contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Editora Mórula, v. 1, p. 74-94, 2022.

MORENO FIGUEROA, Mónica Gabriela. Entre confusiones y distracciones: mestizaje y racismo anti-negro en México. *Estudios sociológicos*, v. 40(SPE), p. 87-118, 2022.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira. Trabalhadores negros e o "paradigma da ausência". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 59, p. 607-627, 2016.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de; BORGES, R. C. S. Raza, representación y antirracismo en el cine de Brasil. *Temas* (Ciudad De La Habana), v. 110, p. 79-86, 2022.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de, AMARAL, Erickson dos Anjos, BORGES, Roberto Carlos da Silva. "Cinema Negro": trajetórias e perspectivas estéticas em entrevistas de história oral com três artistas. *Projeto História*, Paraná, v. 1, p.158-181, 2021.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de, BORGES, Roberto Carlos da Silva. Ruth Pinheiro: trajetória de vida e movimento negro contemporâneo no Rio de Janeiro (1948-1988). *Anos 9*0, Porto Alegre, v. 30, p. 1-17, 2023.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de, WIRCKER, Felipe, PEREIRA, André. "Nosso Sagrado": a produção do filme-documentário e os movimentos sociais antirracistas no Rio de Janeiro dos anos 2010. *História Ora*l, Rio de Janeiro, v. 22, p. 51-72, 2023.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Informalidade urbana, classe trabalhadora e raça no Rio de Janeiro: a história dos censos de favelas (1948-1960). *Revista de História*, São Paulo, v. 1, 1-27, 2021 a.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. As retóricas da 'marginalidade social': espaço urbano, práticas estatais e políticas nas favelas (1947-1961). In: BRUM, Mário; AMOROSO, Mauro; SOARES, Rafael Gonçalves. (Org.). *Pensando as favelas cariocas*: história e questão urbana (Volume I). Rio de Janeiro: Pallas/Puc-Rio, 2021, v. 1, p. 117-146, 2021 b.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Relações Raciais e movimento dos trabalhadores favelados: a formação de uma consciência de classe e raça na política urbana de Belo Horizonte (1959-1964). *Vária História*, Belo Horizonte, v. 38, p. 559-591, 2022.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Les régimes de visibilité du recensement des favelas de Rio de Janeiro (1950). *Brésil(s) - Sciences Humaines et sociales*, Paris, v. 23, p. 1-25, 2023.

OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. A revista O Cruzeiro e a visualidade das favelas nas fotografias de Jean Manzon (1943-1949). *Revista Iluminuras*, Porto Alegre, v. 24, 11-49, 2024.

ROCHA, Rachel Nascimento. *Cor das oprimidas*: coletívio Madalena Anastácia como Movimento Feminista Negro Educador. Dissertação (Mestrado em Relações Étnico-Raciais, 148 fls). Rio de Janeiro: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca, 2019.

SANTIAGO, Daiana Sousa, OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Fazenda Engenho Novo: História oral e memória negra na cidade de São Gonçalo. *Revista Transversos*, Rio de Janeiro, v. 1, p. 120-142, 2022.

VENTURA, Hélio; BORGES, Roberto Carlos da Silva; OLIVEIRA, Samuel Silva Rodrigues de. Cinema Negro na Educação Antirracista: uma possibilidade de reeducação do olhar. *Teias*, Rio de Janeiro, v. 21, p. 294-303, 2020.

Recebido em: 18/08/2025

Aprovado em: 06/08/2026